



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

MAL-ESTAR NA SOCIEDADE: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE SKINNER E FREUD

*SOCIETY AND ITS DISCONTENTS: POSSIBILITIES OF DIALOGUE
BETWEEN SKINNER AND FREUD*

Florencia Lucia Coelho Justino¹

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo apresentar uma proposta de diálogo entre Skinner e Freud no que tange à cultura e a sua influência sobre o indivíduo. Os dois autores, apesar de não tratarem do tema cultura de forma contemporânea, ou seja, na mesma época, e sob o mesmo enfoque teórico e epistemológico, descrevem por meio de diferentes processos o papel das práticas culturais no sofrimento do indivíduo.

Palavras-chave: Cultura; práticas culturais; sofrimento psíquico

Abstract

The present essay aims to present possibilities of dialogue between Skinner and Freud regarding culture and its influence on the individual. Although both authors didn't deal with the subject of culture in a contemporary way and under the same theoretical and epistemological approach, they describe through different processes the role of cultural practices in the suffering of the individual.

Keywords: Culture; cultural practices; psychic suffering.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. Email: florencajustino@gmail.com. Endereço para correspondência: Rua Antônio Cezarino, 606 apto 61 Centro – Campinas/SP CEP: 13015-291

INTRODUÇÃO

Freud e Skinner discorreram a respeito da influência da cultura sobre o indivíduo a partir de óticas e épocas distintas. O presente ensaio tem como objetivo central apresentar as propostas dos dois autores para a noção de mal-estar como subproduto da vida em sociedade e propor um diálogo entre os dois autores no que se refere aos efeitos da cultura sobre o indivíduo descrevendo possíveis convergências e divergências sob a forma de pensar o impacto cultural sobre o indivíduo. Objetiva-se ampliar a discussão da temática do mal-estar em sociedade numa perspectiva inter-abordagens, de modo que seja possível pensar o sofrimento psíquico na atualidade. Pretende-se contribuir para a ampliação da compreensão desse fenômeno a partir de uma análise sob vieses teóricos e metodológicos distintos.

Para que a discussão acerca do mal-estar na sociedade possa ser pensada a partir dos dois autores escolhidos, será utilizado o método do ensaio exploratório. Adorno (2003) afirma que o ensaio tem uma natureza reflexiva e interpretativa a partir das partes, sem que seja necessário escrever sobre o todo. Portanto, o ensaio permite o diálogo entre epistemologias e autores distintos a partir de uma natureza de experimentação. Ainda de acordo com o autor, o foco do ensaio são as interpretações feitas pelo ensaísta do objeto selecionado a partir de sua livre escolha. Parte-se, portanto, de conceitos já concretizados dentro de uma linguagem e a partir dessa significação já existente será proposta uma nova reflexão. O meio específico para a construção dessas novas reflexões e interpretações são os conceitos de cada uma das obras selecionadas, ou seja, “elementos discretamente separados entre si são reunidos em um todo legível.” (p. 31). Propõe-se diante das considerações de Adorno (2003) sobre a forma ensaística, que sejam feitas experimentações, questionamentos, reflexões e que se coloque em palavras aquilo que foi vislumbrado sobre o sofrimento humano em sociedade a partir das obras escolhidas de Sigmund Freud e B.F. Skinner.

Este texto se baseia principalmente na obra “O mal-estar na civilização” de Sigmund Freud (1930/2015) e nas obras “Ciência e Comportamento Humano” (1953/2003) e “*What is wrong with daily life in the western world?*” de Burrhus Frederic Skinner (1987). As obras de ambos autores são amplas e expressivas e de suma importância para a Psicologia, portanto, faz-se necessário contextualizar os textos selecionados dos respectivos autores a partir dos quais os conceitos serão explorados nesse ensaio.

As obras de Freud poderiam ser subdivididas em

dois grupos: textos referentes a metapsicologia psicanalítica e textos sociológicos ou antropológicos. Os textos referentes a metapsicologia psicanalítica, aqueles cuja atenção foi voltada para os aspectos teóricos da Psicanálise, datam do início dos estudos de Freud e foram sintetizados nas obras do período compreendido entre 1915 e 1917. Os textos do segundo grupo são considerados textos sociológicos de Freud (Próchno & Lemos, 2006). Alguns autores (Enriquez, 2005; Próchno & Lemos, 2006) afirmam que a segunda subdivisão dos textos de Freud faz referência às obras ditas sociológicas ou antropológicas. Nestes textos, Freud buscou estabelecer uma teorização sobre a origem da cultura e da civilização, suas condições de funcionamento e seus caminhos possíveis. A primeira obra teórica de Freud no que concerne ao social foi “Totem e Tabu” (1913), uma tentativa do autor de aplicar alguns conceitos da Psicanálise a fenômenos do campo da Psicologia Social. Outros textos que fazem parte da subdivisão dos textos sociológicos de Freud são “A Psicologia das massas e o eu” (1921), “O futuro de uma ilusão” (1927) e “O mal-estar na civilização” (1930).

Enriquez (2005) afirma que as obras não foram sendo construídas de forma lógica, no sentido de que não era objetivo inicial de Freud partir do individual para o coletivo. No entanto, seus escritos refletem o processo de descoberta do autor no que se refere a inserção do indivíduo no social. Ainda segundo Enriquez (2005), é na obra “A psicologia das massas e do eu”, que fica evidenciado que o indivíduo não existe fora do campo social e que o sujeito só se constitui como tal pela existência do outro.

Skinner, ao desenvolver o modelo explicativo do Behaviorismo Radical, postulou que as explicações dos fenômenos psicológicos deveriam ser feitas a partir de relações funcionais. Além disso, sua proposta assume um compromisso social na medida em que o autor se preocupa com as variáveis sociais que influenciam o comportamento humano e como poderia ser realizado um planejamento cultural para que os problemas humanos fossem resolvidos (Castro & de Rose, 2008; Melo & de Rose, 2013). Castro e De Rose (2008) afirmam, de acordo com Skinner (1978), que o estudo da cultura é essencial para uma ciência que visa explicar o comportamento humano. É no ambiente social, ou seja, no ambiente comum dos indivíduos e do qual outros indivíduos fazem parte, que estão as contingências responsáveis pelo autoconhecimento e pelo autocontrole.

Analisando a obra de Skinner, tem-se que em seus escritos iniciais, o autor tinha como objetivo tratar de questões científico-filosóficas relacionadas ao comportamento, bem como a delimitação de seu

método de estudo. Já em meados do século e nos seus textos pós-guerra, observa-se uma preocupação do autor com o futuro da humanidade, tema muito adequado a pós-modernidade. Skinner é colocado, então, diante da necessidade de que uma ciência do comportamento fosse utilizada para elaborar uma tecnologia para a cultura e que fosse útil para a humanidade. A cultura pode ser, portanto, tomada como objeto da ciência do comportamento, uma vez que inclui contingências de reforço que são arranjadas por outras pessoas (Skinner, 1971). Do arranjo de contingências e da manipulação de estímulos de forma que contingências possam ser estabelecidas é que deriva o conceito de agências de controle, conceito fundamental para o entendimento de fenômenos de grupos. As contingências de reforço presentes na cultura é que modelam comportamentos e criam condições corporais, as quais nomeamos como sentimentos (Skinner, 1974).

No texto de 1987, selecionado para a discussão proposta no presente ensaio, Skinner iniciará sua reflexão a partir de condições corporais aversivas para o indivíduo (que poderiam ser consideradas como variáveis dependentes) e a partir delas descreverá as variáveis independentes (mudanças nas contingências sociais ao longo da história, o meio social, os outros e as agências de controle) das quais estas condições corporais componentes do mal-estar do indivíduo em sociedade são função. Portanto, o estudo da cultura para esse autor deriva da consideração do comportamento social.

O MAL-ESTAR NA SOCIEDADE EM FREUD

Na obra de Freud (1930/2015), os termos civilização e cultura não foram distinguidos, sendo muitas vezes utilizados de forma intercambiável. A tradução mais recente para a língua portuguesa, que está sendo tomada como referência para este ensaio, usa o termo civilização para a tradução do termo *kultur*. Apesar da tradução utilizada, é importante considerar a origem dos termos *kultur* e *zivilisation*. Nobert Elias (1969) discute de forma bastante profunda e completa a sociogênese de ambos os termos na obra "O processo civilizador". O termo *kultur* tem origem no alemão e não tem uma tradução literal. Faz referência a fatos intelectuais, artísticos e religiosos não aludindo às pessoas, portanto, refere-se a produtos humanos e a consciência de si mesma de uma nação que teve que buscar constituir. Carvalho, Guimarães e Zandomênic (2013) afirmam que a cultura entendida a partir do termo *kultur* pode ser entendida como internalização e reflexão sobre si mesmo, que inclui construções e reconstruções de um povo.

O termo *zivilisation* tem origem no francês e segundo Elias (1969), faz referência ao "conceito que o ocidente tem de si mesmo e tudo o que se refere ao que a sociedade ocidental se julga superior às sociedades mais antigas e contemporâneas" (p. 23). O autor ainda salienta que este conceito engloba fatos políticos, econômicos, religiosos e a atitudes de comportamento da sociedade da qual se originou. *Zivilisation* descreve um processo que está movendo-se para a frente constantemente, o que segundo Carvalho et al (2013) tende ao externo e à expansão. Na palavra que dá origem à civilização e que deriva do modelo francês estão subentendidos o controle das emoções e do lado animal, uma idéia pacificadora e uma superioridade intelectual daquele povo ao qual o termo faz referência. Nota-se que os conceitos de civilização e cultura surgem de formas contrapostas a partir de um conjunto específicos de situações históricas compartilhadas por um povo, no entanto, se assemelham no que se refere a representação social e a necessidade coletiva de expressão de povos que compartilham de situações históricas particulares.

Enriquez (2005) afirma que Freud usa os termos de forma intercambiáveis por duas razões. A primeira delas se refere ao fato de não participar da querela entre os termos *kultur* e *zivilisation* (adaptação do termo francês) instituída na Alemanha. Sua segunda razão para salientar que todas as organizações sociais são resultado de uma superação das condições animais da vida. No "Mal-estar na civilização" (1930/2015), Freud dá uma definição de civilização bem próxima de cultura e propõe considerar o termo *kultur* como:

a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si. (Freud, 1930/2015, p.34).

A regulamentação das relações entre os homens se daria por um agente externo dada a necessidade de orientação do que resta das pulsões. Para o autor, são considerados culturais "valores e atividades que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais" (p.34). No âmbito das atividades estão incluídos: os progressos e realizações humanas em termos de avanços científicos e tecnológicos que aprimoram os órgãos dos sentidos humanos e eliminam alguns obstáculos que podem entravar o desempenho humano em seu ambiente.

Freud inicia seu trajeto argumentativo a partir da

discussão sobre o conceito de felicidade para então chegar à gênese do sofrimento do homem moderno. Cabe salientar que o termo moderno aqui faz referência ao homem da época de Freud, o que não impede que a discussão seja estendida para o homem dos tempos atuais. Alguns autores como Bauman (1998) consideram o homem atual como sendo pós-moderno. Há uma pluralidade de discussões e tentativas de compreensão a respeito da condição pós-moderna do homem atual. Anthony Giddens (1997), por exemplo, afirma que o desacordo permanente e a crítica é a condição existencial da sociedade atual. Para este autor, o mundo atual é instável e perigoso na medida em que os efeitos do saber e da ciência não podem ser revertidos por agências ou pelo Estado. O homem desta época, portanto, precisa acomodar referências tradicionais em bases novas e em incessante mudança. Daí derivaria o mal-estar contemporâneo na perspectiva de Giddens.

O que é chamado felicidade por Freud (1930/2015) viria da satisfação das necessidades do indivíduo. Seria essa satisfação possível a partir da proposta dos princípios que regulam o aparelho psíquico? Silva (2012), ao discorrer sobre os princípios organizadores do aparelho psíquico, salienta que o princípio do prazer trabalha sob a lógica da menor excitação possível, uma vez que a excitação equivaleria ao desprazer. O funcionamento do aparelho, portanto, passa a ter a tarefa de gerenciamento do desprazer. Outro princípio se constitui a partir desse, qual seja o princípio da realidade, que auxilia na evitação do desprazer. O funcionamento de ambos os princípios submete os impulsos para a satisfação à regra da evitação do desprazer. Apesar da tentativa de evitação do desprazer, há um resíduo pulsional que permanece no aparelho psíquico e necessitada de uma ação orientadora. Há, para tanto, a necessidade de um agente externo ao aparelho psíquico e é aqui que entraria a cultura e seus mecanismos para contornar o desprazer. Freud ainda afirma que para que o Eu reconheça que há um “fora”, um mundo externo, há a necessidade de experienciar as sensações de dor e desprazer. Portanto, essas sensações seriam inerentes à constituição do indivíduo. As patologias ocorrem na medida em que a delimitação externo/interno se dá de forma incorreta.

A partir do exposto, entende-se que o sofrimento é inerente à cultura devido às frustrações que logo são impostas ao indivíduo na constituição do aparelho psíquico e na constituição da individualidade. A noção de mal-estar nomeia o fato de que nem todas as necessidades do indivíduo podem ser satisfeitas em função de uma falha do aparelho psíquico e em função de este ser um efeito colateral da relação com o outro

(necessária para a constituição do Eu), que impede a satisfação completa das pulsões. Aqui cabe uma distinção importante entre o conceito de desejo para Freud e o conceito de necessidade para Skinner. Para Freud, o desejo é um desbobramento da busca do aparelho psíquico pelo prazer e visa para realizar essa descarga a ativação de um traço mnemônico que corresponda a vivência da satisfação primária. Para Skinner, os eventos- estímulos presentes no ambiente exercem controle sobre o comportamento do indivíduo. Portanto, a presença de determinado estímulo criaria a necessidade da emissão de uma dada resposta.

Diante da impossibilidade de evitação do desprazer, alternativas para que este seja contornado são necessárias. Freud (1930/2015) afirma que paliativos são necessários para que as “demasiadas dores e decepções” sejam suportadas. O papel da cultura seria, portanto, gerenciar a satisfação por meio do oferecimento de satisfações paliativas. Três seriam as possibilidades de recursos paliativos: poderosas diversões, gratificações substitutivas e uso de entorpecentes. Poderíamos acrescentar a esses recursos paliativos para evitar o desprazer algumas manifestações clínicas atuais tais com as automutilações e autolesões, o crescente aumento da taxa de suicídio, os inúmeros casos de depressão acompanhado do isolamento, o consumo exagerado e o uso excessivo de redes sociais. Todos esses paliativos aparecem como respostas do nosso tempo para a condição de mal-estar que permanece ao longo do processo de desenvolvimento da civilização e da cultura. O mal-estar descrito por Freud (1930/2015) à sua época é inerente à cultura em diferentes momentos históricos.

O SOFRIMENTO DO INDIVÍDUO SEGUNDO SKINNER

Em Ciência e Comportamento Humano, Skinner (1953/2003) define a cultura como sendo o ambiente social de um grupo. A palavra ambiente é incluída e salientada, uma vez que o comportamento social é entendido como “o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (p.325), ou seja, o outro passa a ser parte relevante do contexto (eventos e estímulos externos ao organismo) no qual o comportamento ocorre. Quando se fala em comportamento mediado na obra skinneriana é necessário mencionar o comportamento verbal que tem como efeito o reforço social. Portanto, para que se possa analisar a cultura na qual o indivíduo está inserido é necessário considerar as variáveis provenientes de um segundo organismo.

De modo geral, a definição de Skinner para a cultura leva em consideração “todas as variáveis que o afetam e que são dispostas por outra pessoa.” (p.455). Estão incluídos nessas variáveis os procedimentos adotados pelo grupo de indivíduos para o comportamento ético. Os procedimentos que o grupo adota podem ser equivalentes às agências de controle, ou seja, as “instituições” que manipulam certas variáveis a partir do seu poder de reforçar ou punir. É necessário que a cultura e tudo o que faz parte dela passe a ser tomado como variável dependente e assumido como terceiro nível de seleção e determinação do comportamento para que o comportamento humano possa ser compreendido e explicado em sua totalidade (Andery, 2011). Na proposta freudiana, as variáveis dependentes mencionados por Skinner equivaleriam à variáveis independentes e equivaleriam à natureza, à relação com o outro e ao corpo pulsional. As variáveis independentes, para Freud, fariam referência, portanto, ao que é externo e necessário para a constituição do sujeito. Seriam, de forma análoga um Super Eu coletivo que influencia diretamente a angústia de todo ser humano diante da autoridade. Os efeitos colaterais de um Super Eu coletivo seriam as variáveis dependentes e equivaleriam aos sentimentos e condições corporais produzidos pelo controle exercido pelo grupo de Skinner.

Quando se considera os procedimentos adotados pelo grupo que exercem controle sobre o comportamento do indivíduo é preeminente analisar os efeitos colaterais do controle exercido pelo grupo sobre o indivíduo. O texto *What is wrong with daily life in the western world?* (Skinner, 1987) descreve os efeitos colaterais da vida em sociedade e se inicia com a descrição dos sentimentos desagradáveis que são produzidos nos indivíduos mesmo diante do acesso a uma abundância de reforçadores. Estes sentimentos desagradáveis poderiam ser considerados equivalentes ao que Freud intitula mal-estar. Skinner, no entanto, usa termos como estar aborrecido, inquietos ou deprimidos para descrever esses sentimentos. De acordo com a perspectiva skinneriana, o aspecto evolucionário referente a linguagem influenciou sobremaneira as práticas culturais. A partir do comportamento verbal, as relações de contingência que prevaleciam quando o comportamento operante emergiu foram enfraquecidas, uma vez que era possível dizer aos outros o que fazer e não apenas demonstrar. A partir dessa premissa, entende-se que as práticas culturais corroeram as relações resposta-consequência, dado que as consequências fortalecedoras do comportamento foram sacrificadas em detrimento das consequências agradáveis.

Skinner descreve cinco práticas culturais que

produzem os efeitos agradáveis do comportamento em oposição aos efeitos fortalecedores. A alienação do trabalhador em relação ao que é produzido pelo seu trabalho e a especialização do trabalho é a primeira prática que produz um efeito deletério na relação resposta-consequência. A manutenção de respostas relacionadas ao trabalho passa a ocorrer, portanto, a partir de contingências de reforçamento aversivas e tem como efeitos colaterais as noções de sacrifício e de não gostar do que se faz. É fato que bens, serviços, equipamentos e até conhecimento estão prontamente disponíveis, no entanto, há um enfraquecimento das consequências reforçadoras naturais. A especialização do trabalho no ocidente bem como a ausência de necessidade de participar de outras etapas do processo contribuiu para o enfraquecimento do comportamento. A segunda prática cultural descrita envolve a evitação e alívio de sofrimentos e estímulos aversivos a partir do pagamento para que o outro faça o que o próprio indivíduo deveria e poderia fazer. Essa prática impede o efeito fortalecedor da consequência que modela e mantém o comportamento de atuar e o efeito de prazer permanece.

O fazer coisas porque dizem que é para fazê-las ou o comportamento governado por regras é a terceira prática cultural que privilegia o efeito agradável do reforço. Ao seguir um “conselho”, evita-se que novas contingências sejam exploradas e diminui-se o custo de respostas de variação do comportamento. Atualmente, o uso das redes sociais tem fortalecido o fazer e ter coisas porque dizem ou porque aconselham. Há o acesso a uma infinidade de bens e serviços pela rede e o acesso a eles depende apenas de um clique e não de um encadeamento complexo de respostas. A quarta prática descrita por Skinner faz referência ao seguimento de regras éticas e leis. O seguimento das regras estabelecidas pelas instituições de controle permite que o indivíduo escape à ameaça de consequências aversivas. As consequências pessoais são, de certa forma, adiadas e atrasadas e a presença de estimulação aversiva tem como consequências restrição de repertório comportamental do indivíduo, tendências a fugir e se esquivar, colaterais emocionais tais como medo, ansiedade e culpa. A quinta prática cultural que privilegia os efeitos agradáveis em detrimento dos fortalecedores é considerada pelo autor como a mais perigosa: o aumento da frequência do reforço imediato, que produz o fortalecimento de uma pequena parcela do comportamento do indivíduo. Comportamentos considerados passivos e com um baixo custo de resposta tais como assistir, jogar, olhar e ouvir são a parcela fortalecida.

As práticas culturais descritas por Skinner, em conjunto, levam ao entendimento de que há uma

inclinação menor para se comportar quando o efeito agradável prevalece sobre o efeito fortalecedor do reforço. Os efeitos fortalecedores sacrificados e corroídos produzem um enfraquecimento do comportamento e alteram a relação de contingência existente entre o comportamento e suas consequências por meio do uso de reforçadores condicionados e generalizados. O uso do controle aversivo e de práticas punitivas evidencia a negligência diante de alternativas fortalecedoras do comportamento. Como resultado da generalização das contingências coercitivas e “ameaçadoras” para diferentes contextos, observa-se manifestações dos subprodutos dessas contingências tais como insônia, ansiedade, medo, uso excessivo de medicamentos, déficits de repertório de comportamentos que produzem o acesso a estímulos com possível função reforçadora, déficit de repertório nas interações sociais e aumento da tendência ao isolamento.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Apesar das diferenças epistemológicas e teóricas entre Sigmund Freud e B.F. Skinner, a partir da explanação a respeito dos efeitos sobre o indivíduo da vida em sociedade, percebe-se uma convergência entre os autores no tocante ao sofrimento do indivíduo e suas manifestações. O sofrimento psíquico do indivíduo em função da impossibilidade de evitação do desprazer poderia ser considerado equivalente às consequências aversivas individuais decorrentes do controle estabelecido pelo ambiente social. Vale ressaltar que a relação com o outro, ou seja, o outro organismo como estímulo relevante pertencente ao ambiente no qual o comportamento ocorre é o ponto a partir do qual o sofrimento psíquico e as consequências aversivas ocorrem. Em contrapartida, é importante destacar que apesar da relação com o outro ser um ponto em comum para a consideração das restrições impostas pela sociedade ao indivíduo, há uma divergência no tocante à origem desses efeitos e aos processos a partir dos quais eles são estabelecidos. Para Skinner, os subprodutos do adiamento das consequências reforçadoras individuais são oriundos das condições ambientais, ou seja, a origem é externa ao indivíduo e se encontra no contexto. Freud, por sua vez, entende que a satisfação incompleta do prazer está no aparelho psíquico e a cultura na qual o indivíduo está inserido tem o papel de contornar essa incompletude na satisfação.

Outro ponto em comum entre os autores encontra-se na consideração dos recursos dos indivíduos para lidar com o mal-estar decorrente da vida em sociedade. Freud afirma que os recursos paliativos

para suportar a dor e a dificuldade que a vida impõe da forma como nos cabe seriam as diversões grandiosas, as gratificações substitutivas e os entorpecentes. Sob a ótica de Skinner, tais recursos paliativos se manifestariam sob a forma de comportamentos de contracontrole dos indivíduos que podem apresentar diferentes topografias ou formas.

É inevitável estender a análise das estratégias para lidar com o mal-estar como efeito colateral da vida em sociedade para episódios comportamentais e manifestações clínicas observadas na atualidade. Freud (1930/2015) afirmou que

o deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas. (...) Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho essa tarefa (p. 21).

Além dos problemas coletivos e ambientais tais como o excesso de consumo e a poluição, alguns problemas individuais tem vindo à tona como, por exemplo, insatisfação generalizada, indiferença perante ao outro, aumento dos casos de depressão e ansiedade, automutilações, taxas elevadas de suicídio principalmente entre adolescentes. Como forma de proteção dos efeitos colaterais da estimulação aversiva presente no ambiente social e em decorrência de uma baixa tolerância à demora pela satisfação, é possível observar um aumento nas manifestações clínicas atuais do sofrimento psíquico e um aumento das pseudoresoluções ou quase soluções que substituem as normas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de estarmos falando de contextos e ambientes culturais distintos daquelas da época dos dois autores, conforme afirma Silva (2012) baseada na proposta freudiana, a noção de mal-estar é intrínseca à civilização ou cultura. Mudanças na cultura, ou seja, alterações nas diferentes contingências que compõe a cultura produzirão diferentes expressões do mal-estar. Skinner, por sua vez, salienta que os processos comportamentais são os mesmos onde quer que se encontrem e tem propriedades relativamente constantes. Com isso, o autor deixa claro que independente da época história ou da localização geográfica na qual determinada cultura tenha se desenvolvido, os princípios do comportamento serão úteis dada a sua constância.

Concluindo, a partir das duas visões sobre os efeitos das práticas culturais sobre o indivíduo aqui apresentadas, fica latente a ideia de que a relação com o outro é o ponto de partida do controle exercido pelo ambiente social. No entanto, observa-se que Freud e Skinner adotam processos distintos como explicação para os efeitos da restrição das satisfações do indivíduo.

Referências

Adorno, T. (2003). O ensaio como forma. In: Adorno, T. *Notas de literatura I*. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades. (p. 15-45).

Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 203-217.

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Castro, M. S. L. B. & De Rose, J. C. C. (2008). *A ética skinneriana e a tensão entre descrição e prescrição no behaviorismo radical*. Santo André, SP: ESETEC Editores Associados.

Melo, C. M. de, & De Rose, J. C. (2013). The Concept of Culture in Skinnerian Radical Behaviorism: Debates and Controversies. *European Journal of Behavior Analysis*, 14(2), 321-328.

Enriquez, E. (2005). Psicanálise e ciências sociais. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 8(2), 153-174.
<http://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200001>

Freud, S. (1930/2015). *O mal-estar na civilização*. (1ªEd). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Giddens, A. (1997). A vida em uma sociedade Pós-Tradicional. In: Beck, U.; Giddens, A. ; Lash, S. (orgs). *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp.

Próchno, C. C. S.C. & Lemos, M. F. (2006). Considerações teóricas sobre a psicanálise freudiana: da metapsicologia aos textos sociais. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6 (1), 219-261.

Silva, M. M. (2012). Freud e a atualidade de o mal-estar

na cultura. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 1(1), 45-72.

Skinner, B.F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano*. Trad: João Cláudio Todorov e Rodolfo Azzi. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1971). The evolution of a culture. Em: Skinner, B. F. *Beyond freedom and dignity* (pp. 121 - 137). 9ª edição. New York: Bantam / Vintage Books.

Skinner, B. F. (1978). Freedom and Dignity revisited Em: Skinner, B. F. *Reflections on behaviorism and society* (pp. 195 - 198). Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall

Skinner, B. F. (1987). What is wrong with daily life in the western world? In B. F. Skinner (Ed.). *Upon further reflection* (pp. 15-31). Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

Notas

¹ Para mais detalhes sobre as situações históricas em questão, consultar Elias (1969) e Carvalho, Guimarães & Zandomênicco (2013).

Recebido em: 01/06/2017
Primeira decisão editorial: 04/08/2017
Versão Final: 14/08/2017
Aprovado em: 14/08/2017